

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2013.

## “DO QUASE OIAPOQUE, AO QUASE CHUÍ”

Do Ceará (VII ENCONTRO) ao Rio Grande do Sul (VIII ENCONTRO), é uma vasta travessia. Nós, como os pássaros, obstinados à alegria dos Encontros, partimos em revoada à busca de novos ares, novos mares, novos lares. Curta ou longa a trajetória, voamos nas asas da transicionalidade, uma espécie de nossa marca, que nos identifica, nos significa.

No ritmo impresso à batida das asas, pianinho, vai ficando para trás a influência das sanfonas dos Gonzagas. Já ouvimos ao longe, os primeiros acordes das sanfonas (ou gaitas se preferirem), sob a influência dos Borghetinhos, sem perder o compasso.

Pouco a pouco, identificamos sons melódicos de uma sinfonia, nos convidando a arriscar ensaios de assovio, recompondo nossa música. E dela nos fala o escritor gaúcho Fabrício Carpinejar: “a música vive nos emprestando saudade”. Voando sempre em frente, confiantes, lembrando Carpinejar: “nenhum pássaro voa olhando para suas asas”. Mas o que nos garante a harmonia sem destoar, vem do nosso poeta maior Mario Quintana, em sua partitura imaginária: “pássaros pousados na pauta dos fios telegráficos”.

Pássaros em revoada, não descuidam do Tempo e o Vento, que Érico Veríssimo registrou, e nem da sua recomendação de: Olhai os Lírios do Campo. Assim, podemos encontrar Eugenio, personagem que nos ensinou, que a felicidade está na simplicidade.

Em breve pousaremos no Vale dos Vinhedos, lugar propício para desfrutar do brincar e da realidade. Poderemos sonhar, fantasiar e viver. Saberemos das origens da criatividade, e descobriremos que o brincar, é uma atividade criativa que nos permite chegar ao self. Reconhecemos o lugar em que vivemos, e onde se localiza a experiência cultural. Poderemos nos inter-relacionar, independente das pulsões, e em função de identificações cruzadas. Além, é claro, de outras novidades que nos aguardam. Vai ser “tri legal”, tchê.

Para festejar, pode ser num CTG, ou em qualquer lugar que comporte os guris e as gurias presentes. Nos fandangos teremos xotes, milongas, rancheiras, polcas, e para os mais descontraídos, bugios. Os que curtem uma “fossa”, podem ficar com o saudoso mestre Lupicínio Rodrigues, que aliás, foi o criador da expressão “dor de cotovelo”. Se os guris quiserem se sentir guapos peões, não esqueçam a bombacha, as botas com esporas, e a boina. Lembre-se: a bombacha para dentro das botas. Ah, o lenço vermelho no pescoço é fundamental ! Para as gurias sentirem-se prendas, usem vestidos compridos, com detalhes em seda e renda, e sapatilhas para dançar.

O desfile da culinária gaudéria, ou gauchesca, é para ser aplaudido de pé. O tradicional churrasco, se possível em “fogo de chão”, não está só. Desfilarão também: arroz de carreteiro, carne de charque, fiambre, puchero, quibebe, matambre, roupa velha, paçoca de pinhão, e o irresistível torresmo. Elejam seus preferidos, mas não esqueçam das sobremesas: doces de frutas variadas em calda, torta e ambrosia de bergamota, arroz de leite, sagu ao vinho, e outras surpresas. As calorias? Deixem por conta do chimarrão.

As rodas de chimarrão, são fascinantes ! A bomba, de preferência de alpaca, a cuia de poronga, cheia de mate, passam de mão em mão, num ritual de respeitável socialização.

Para relaxar, visitas às elegantes vinícolas, com direito à degustação dos imbatíveis vinhos da serra gaúcha. Os que se excederem nas doses, recorram à proteção dos Deuses, em livre escolha: Baco ou Dionísio. Podem, inclusive, apelar para o cântico da nossa Deusa maior, a imortal “pimentinha”, Elis Regina, entoando “ O Bêbado e o Equilibrista”.

Quem sabe, curtiremos um passeio de Maria Fumaça pela serra? Afinal, estaremos na cidade de Bento Gonçalves.

Bento Gonçalves, um dos líderes da Revolução Farroupilha, orgulho do povo gaúcho. E por falar em orgulho de um povo, que traz em seu sangue, essa vocação libertária, lembremos do “Almirante Negro”, João Cândido, nascido na província gaúcha de Dom Feliciano. João Cândido, marinheiro que comandou a Revolta das Chibatas, libertando seus companheiros dos tratamentos de escravo a que eram submetidos. Todo esse sentimento está presente na letra do Hino do Rio Grande do Sul: “Mas não basta para ser livre, ser forte, aguerrido e bravo; povo que não tem virtude, acaba por ser escravo”. E de uma forma poética com Mario Quintana:

“Todos esses que aí estão

Atravancando o meu caminho,

Eles passarão...

Eu passarinho!

E para nós, que por força da metáfora, nos transformamos em pássaros em revoada, Mario Quintana nos deixou: “E ficas, como se tivesses feito, sem querer, um milagre.....Oh! Que revoada, que revoada de asas!”

Até lá!!!

José Carlos Guedes